

João Reis

Cadernos da Água



QUETZAL língua comum | João Reis

«It's freezing outside, where the hell is global warming?»
DONALD TRUMP

«So, in the interest of survival, they trained themselves to be agreeing machines instead of thinking machines. All their minds had to do was to discover what other people were thinking, and then they thought that, too.»
Breakfast of Champions, KURT VONNEGUT



TENHO SEDE E FOME, DE NOVO. A fila para a água é cada vez mais extensa. Esta manhã, contei quantas pessoas estavam à nossa frente, ou tentei contar, porque eram mais de quarenta, e não as contei ao certo. Quarenta e cinco, quarenta e seis, no fim já contava quarenta e três, e as pessoas ainda não tinham começado a sair da fila, portanto, estariam lá todas. Os corpos formavam uma barreira aproximadamente da minha altura, e abaixo dessa linha média havia também várias cabeças. Destas últimas, contei dez ou doze, algumas ainda mais abaixo do que a da Mariana.

O que é, mãe, o que se passa?, perguntou ela. Não sei quanto mede a Mariana, terei de pedir a alguém que me empreste uma fita métrica. Mas, caso a peça, talvez me garantam que não preciso de uma fita métrica, para que quero eu saber quanto mede a Mariana ou outra coisa qualquer?, ou talvez me digam para usar uma régua e medi-la em partes, primeiro a cabeça, depois o pescoço, o tronco, as pernas. Isso recuso-me a fazer, porque da última vez que usei uma régua não a medi como deve ser, parecia mais baixa do que era antes, e encolher não devia ter encolhido, é impossível. Embora por vezes me pergunte, ao olhar para ela, se encolheu. É impossível,

não é? Apalpo-lhe os braços, a barriga. Sei que não emagreceu. Pelo menos não emagreceu nada de muito substancial, não se nota folga na roupa. Ainda assim, pergunto-me se terá encolhido, como acontece com as pessoas quando chegam a uma certa idade, tal qual os meus avós encolheram, os teus também, e os nossos pais. Lembras-te de quando, há alguns anos, o teu sobrinho perguntou se a tua mãe estava mais baixa?

A Mariana corre e brinca com outras crianças junto à enorme parede envidraçada que chega ao teto, é o que tem feito nestes dias. De onde estamos, vemos grande parte da pista de aterragem. Experimentei contar quantos aviões aterram e descolam por dia neste aeroporto, mas ao início não consegui, porque na primeira tentativa fechei os olhos e perdi a conta, os aviões eram muitos. Depois, tentei contar apenas os aviões militares e ignorar os civis, e uma vez mais fechei os olhos apenas alguns segundos. Perdi-lhes de novo a conta. Hoje, estou a tentar contar quantos helicópteros militares aterram e descolam, e amanhã quero contar quantos aviões civis levantam voo. É assim que me entretenho — conto aviões e helicópteros.

Conheci dois portugueses, o Paulo e a Cecília. Apanharam um avião duas semanas antes de nós. Têm conversado muito comigo, sobretudo a Cecília. O Paulo não fala tanto, mas sorri e abana muito a cabeça.

Escrever ajuda-me a passar o tempo. Foi um dos amigos da Mariana que me deu uma caneta. Não sei onde a arranjou, não fala português nem nenhuma língua que eu entenda. Não sei como a Mariana se entende com os novos amigos, todos eles estrangeiros, poucos falam algum inglês e nenhum fala português. Há já mais de uma semana que não brinca com os amigos portugueses. Com os novos amigos, diverte-se à mesma:

correm e saltam entre os bancos, os sacos, as malas, os adultos estendidos no chão. Ontem, enquanto procurava uma camisola na mala e deitava um olho às crianças, a Mariana aproximou-se de mim acompanhada por um amiguinho pouco mais alto do que ela, devem ter mais ou menos a mesma idade. Tentei entabular conversa com o menino, ele meneou a cabeça e tirou uma caneta do bolso das calças.

HOJE REDUZIRAM-NOS A PORÇÃO que nos servem ao almoço e ao jantar. Dei parte do meu jantar à Mariana. Dizem que também nos vão cortar parte do pequeno-almoço. Pode ser apenas um rumor, quem o diz não são os soldados nem os funcionários locais. É o Paulo, entre outros, mas sobretudo ele. Por outro lado, ninguém falou do lanche. À tarde, servem-nos uma merenda: pão, na maior parte das vezes seco, e dois copos de água, o segundo só servido se terminarmos o primeiro. Só temos direito a duas doses de água em cada refeição. Obrigam-nos a usar os copos de esmalte que nos deram na semana passada, já não aceitam outros recipientes, porque assim controlam o que bebemos. Enchem-nos até cima da primeira vez e até meio da segunda vez que nos servem. No total, bebemos litro e meio de água por dia. Uma vez por semana, dão-nos um copo de sumo de laranja muito aguado. Agora talvez deixem de nos dar o pão do lanche. Veremos. Espero que continuem a dar-nos a água.

Podemos ir à casa de banho várias vezes por dia, no entanto. Não temos água lá dentro, porque usam um sistema de vácuo, quase como num avião. E lavamos as mãos fora do cubículo, num lavatório vigiado, mas só de dia, porque à noite

não há funcionários de vigia e podemos usar apenas as retretes, não temos como desinfetar as mãos. A funcionária que vigia o lavatório do lado das mulheres lança-me alguns olhares, não é simpática, franze o sobrolho numa carranca, ou então já imagino coisas, porque às vezes tenho de me esforçar e pensar que as coisas que vejo estão a acontecer na realidade. Bem, e a funcionária, sim, falava dela. A verdade é que não é sempre a mesma funcionária, claro, por vezes é ela, outras vezes é outra mulher. Na maior parte das vezes, é outra mulher que me lança olhares, com um sorriso ou uma carantonha.

Seja como for, têm ali uma funcionária durante o dia. Abrimos a torneira pressionando o botão, a água flui, lavamos as mãos já ensaboadas e não podemos premir de novo o botão. Se carregarmos no botão uma segunda vez, a funcionária bate-nos com uma vara comprida feita de um material que parece plástico, e em alternativa chama um dos soldados e grita, e o soldado aproxima-se e também ele grita connosco e anota o nosso nome e o nosso número num aparelho que traz à cintura.

Temos um número de identificação numa pulseira que não podemos tirar nem cortar. É uma daquelas pulseiras de borracha como as que se usavam nos hospitais. Quando se visitava um familiar no hospital, o paciente tinha sempre uma pulseira daquelas, com o nome completo e a morada, e também o número de utente. Aqui, a pulseira tem um nome próprio e um apelido, a nacionalidade e um número com um código de barras.

Segundo o que se diz por aqui, um homem terá sido castigado na vez de outro, por lhe trocarem o número; prenderam-no por qualquer coisa que não fez. Não sei se é verdade ou não, o mais provável é ser mais um rumor, todos os dias surgem rumores, mas tentamos fazer sempre com que o número e o código

de barras estejam bem visíveis. A Mariana e eu temos apenas os nossos nomes e números nas pulseiras. A Mariana receia ser castigada por não ter o nome ou o número bem visível, pensa que a vão prender num quarto escuro e sem comida. Quem lhe pôs estas ideias na cabeça foram os outros amigos dela, aqueles com quem não brincou nos últimos dias. Ouvia-os falar em português e inglês enquanto brincavam aos soldados e refugiados: os que se fingiam soldados agarravam os outros e gritavam-lhes que não tinham uma pulseira *legal*, naquelas pulseiras faltava um país e tinham de ser detidos. «Não têm país», diziam eles. Em seguida, trocavam de papéis e os que eram refugiados passavam então a ser soldados, e também eles gritavam que os outros não tinham um país na pulseira.

A Mariana perguntou-me algumas vezes porque é que não temos o país na pulseira, e eu disse-lhe que o nosso país já não existe. Ela disse que não fazia sentido. Noutra ocasião, perguntou-me porque é que continuavas longe, onde estavas a viver se não havia país onde estares. E a nossa casa, continuava a existir fora do país? Ficou confusa, eu esquivei-me o melhor que pude, «o teu pai está a cuidar da nossa casa, do nosso quintal, do Tobias», disse-lhe. Nos últimos dias, desde que começou a brincar com outras crianças, não me perguntou pelo nosso país nem me falou da pulseira.

Ela está a dormir ao meu lado com a cabeça pousada numa pilha de camisolas. Os soldados e os funcionários não tardam a passar por aqui com os carrinhos, as listas e os leitores de códigos de barras. As crianças estão sossegadas, ouço um bebé chorar, ele chora e cala-se e volta a chorar quando parece ter parado de chorar, faz-se silêncio por segundos, ele chora, e no silêncio ouço uma mosca que por aqui esvoaça, tenho de a afastar da Mariana. Uma senhora está junto às

paredes envidraçadas voltadas para a pista, tem a cabeça apoiada no vidro e quase aparenta dormir, à contraluz não lhe vejo o perfil, porventura terá os olhos fechados.

Esqueci-me por completo de contar os aviões ao longo do dia, como havia planeado. O céu abriu, o sol aquece o terminal, sinto mais sede.

ESTA NOITE, ACORDÁMOS COM MUITO BARULHO. As luzes na nossa ala acenderam-se, havia algazarra junto às casas de banho. Vi quatro ou cinco soldados à volta de um homem, não percebi o que diziam entre eles, os soldados arrastaram-no para fora da ala, as luzes apagaram-se, ouvi tossidelas. A Mariana só voltou a adormecer muito tempo depois. De manhã, perguntei o que aconteceu, mas ninguém sabe.

«O PAÍS NÃO ESTÁ PREPARADO
PARA O QUE AÍ VEM»,
ALERTA ESPECIALISTA

Por André P. Matos, Bolonha, 19 de outubro de 2016

No fim da I Cimeira de Geofísicos, Oceanógrafos e Meteorologistas do Sul da Europa, ocorrida no dia 18 de outubro na cidade italiana de Bolonha, Andreia Fidalgo alertou para a necessidade de uma política mais interventiva e atenta aos desafios climáticos do futuro. «Portugal não está preparado para o que aí vem», afirmou a especialista em climatologia da Universidade de Aveiro. «Não há investimento nem interesse político no combate às alterações climáticas, e tomam-se medidas em contrassenso com o conhecimento científico atual.»

A especialista, que tem alertado para situações que considera lesivas da população, como a construção de edifícios em zonas costeiras, a falta de um plano de redução de aquíferos para efeitos agrícolas e o pouco estímulo à mudança de hábitos alimentares e de circulação que diminuam as emissões de carbono, diz-se chocada com a pouca preparação de Portugal face a países do Sul da Europa, para não mencionar os do Norte. «No nosso país governa-se e faz-se política como há cem anos», concluiu Andreia Fidalgo. «E estamos a comprometer o futuro dos nossos filhos.»

Contactado pelo Público, o Ministério do Ambiente escusou-se a comentar. Também não obtivemos declarações do Gabinete do Primeiro-Ministro. O governante está ausente do país, no Dubai, onde a seleção nacional de futebol defrontará a congénere do Qatar num jogo de preparação.

AFIXARAM ALGUNS PAPÉIS enquanto nos serviam o jantar. A Mariana disse-me que estavam a colar papéis nas paredes. Depois vemos o que são, respondi-lhe. Mantive-me na fila com as duas marmitas nas mãos. Ela não parava de se mexer ao meu lado; virava-se ora para a frente, ora para trás, sempre a olhar em volta, mas eu insisti, tínhamos de guardar o nosso lugar na fila.

Serviram-nos a comida e fomos sentar-nos nas cadeiras onde temos as nossas coisas. A Mariana puxou-me as calças e repetiu que estavam a colar papéis nas paredes. Continuei sentada, tentei acalmá-la, comemos. Ela disse que não tinha fome, porque havíamos comido de tarde. Afinal, serviram-nos ainda o lanche: o pão, a água. São notícias do pai? E se os papéis forem notícias do pai?. Disse-lhe que não eram, que só íamos ver o que estava escrito nos papéis depois de comermos. Ela via alguém a lê-los?, perguntei. Ainda ninguém os lera. Estavam todos a comer.

Terminada a refeição, pusemo-nos na fila em frente ao tanque amovível que instalaram neste terminal e que nos serve de lava-loiça. Lavámos as marmitas e as colheres naquela água gordurosa, voltámos para o nosso sítio, e a Mariana voltou a falar nos papéis colados nas paredes.

Várias pessoas estavam já de volta de alguns dos papéis. Aproximámo-nos. Um rapaz olhava para um papel, aparentemente sem o entender. O que é, mãe?, perguntou a Mariana. Tentei ler. Ao início, não consegui, vi apenas o texto em sueco. Só depois de me esforçar um pouco percebi que havia uma versão inglesa mais abaixo.

O que diz, mãe, o que diz o papel?, insistiu a Mariana. Respondi-lhe que querem comunicar connosco através de um intérprete oficial. O que é um intérprete, mãe? Expliquei-lhe que é uma pessoa que fala a nossa língua e também a língua dos soldados e dos funcionários. Alguém que vai traduzir e explicar o que nós lhes dizemos e eles nos dizem.

No fim do papel, o nosso já conhecido «SAVE YOURSELF: SPARE WATER».

O rapazinho foi-se embora. As pessoas em nosso redor começaram a empurrar-nos e perdi a Mariana de vista por alguns segundos. Afastei-me do papel e logo a vi, alguns dos seus novos amigos estavam a chamá-la para brincar, ela já tinha perdido o interesse na notificação. Fiz-lhe sinal, dirigi-me ao nosso lugar habitual.

As pessoas que estavam diante dos papéis afixados depressa voltaram para junto dos seus pertences. Algumas deitaram-se ao comprido no chão e nas cadeiras.

Ela continua a brincar.

Dói-me a cabeça, tenho sono, mas não posso dormir, não consigo deixar de lançar uma olhadela à Mariana, embora saiba que não pode sair deste terminal. Escrevo e pouso a caneta, isto repete-se sucessivas vezes. A Mariana acabou de passar por aqui.

Não contei quantos aviões aterraram ou descolaram.

Continuamos sem receber notícias, nem tuas nem do que se passa aí. Não quero pensar nisso, quero dormir. No entanto, não posso adormecer. A Cecília está a acenar-me, acho que quer falar comigo, está a caminhar nesta direção. Não me apetece levantar-me nem falar. Já quase me alcançou. Vou levantar-me.

EMANUEL ARFAVA. Sentia-se prestes a sufocar apesar do vento gerado pelo movimento do veículo. Sob o sol intenso, o saco de serapilheira levava-o a transpirar profusamente, e o suor infiltrava-se-lhe nas narinas e na boca sempre que inspirava com dificuldade. Não queria desfalecer.

O camião deu um solavanco. Emanuel perdeu parte do equilíbrio: quase caiu do banco corrido onde estava sentado, embateu no homem ao seu lado. O homem grunhiu. Desejando evitar novo contacto ou cair prostrado, Emanuel susteve-se ao fincar um pé no estrado da caixa do camião. Com as mãos atadas atrás das costas, aplicou todas as suas forças no pé e lançou-se de costas sobre a tábua de madeira.

Assim que se sentiu de novo bem assente no banco, respirou fundo e teve um ataque de tosse repentino. O suor não parava de lhe escorrer pela frente — na verdade, começara a transpirar ainda mais depois do esforço. Tossiu e arfou com aflição, curvou-se.

— Pouco barulho aí atrás, pá — gritou alguém sobre o ruído do motor.

Emanuel continuou a tossir. Um ou dois minutos depois, tossia menos, mas chiava sempre que inspirava.

— Ei, o homem está a sufocar! — disse um dos seus companheiros de banco, não muito longe dele.

Emanuel ouviu alguém soltar uma série de impropérios e caminhar na sua direção. Os passos ressoaram nas tábuas de madeira dos bancos, no chão.

Puxaram-lhe, com força e brusquidão, a cabeça para trás e arrancaram-lhe o saco de serapilheira. A luz intensa fê-lo fechar os olhos e dobrar de imediato o pescoço. Tossiu sem parar, pestanejou repetidas vezes.

— Engole ar e respira, não vou gastar água contigo, pá! — disse o homem que, à sua frente e com o saco numa mão, se apoiava com a outra a uma barra horizontal acima dele.

O camião continuou a avançar. Emanuel sorveu ar e viu uma árvore na berma da estrada antes de o homem lhe pôr de novo o saco na cabeça.

VÃO SERVIR-NOS O ALMOÇO EM BREVE. Agora separam-nos por línguas, porque é uma forma de comunicarmos mais facilmente, afiançam, foi o que nos explicaram hoje cedo. Mas ainda não nos apresentaram os intérpretes.

Esta manhã, acordámos mais cedo do que é nosso costume. O dia nasce muito cedo, ainda de madrugada. De noite, é como se a luz nunca desaparecesse por inteiro, o céu fica azulado, de um azul-escuro quase anilado. E, de repente, começam a surgir os tons acinzentados no horizonte, na orla da floresta.

Habitualmente, acordo antes da Mariana, quase sempre quando ouço chiar as rodas dos carrinhos em que transportam o pequeno-almoço, mas esta manhã ela acordou antes de mim. Abri os olhos e ela já estava a brincar com outras crianças, todas sentadas em círculo, no chão. Era cedo, o ar tinha arrefecido, olhei para o relógio na parede e faltava ainda uma hora para o pequeno-almoço. No entanto, já se ouvia o chocalhar metálico dos carrinhos da comida, *tchac-tchac-tchac*, a vozearia ininteligível dos funcionários, o render da guarda dos soldados.

Arrepiei-me, o ar começa a arrefecer. Enquanto esfregava os braços, perguntei à Mariana se não tinha frio. Ela não me

respondeu, continuou entretida na brincadeira. Estavam a jogar às cartas, um jogo qualquer que não identifiquei.

Procurei uma camisola nos nossos sacos e constatei que a nossa vizinha de bancos — uma croata — ainda estava a dormir: tinha um pé sobre um dos nossos sacos. Irritou-me ver a sola da bota marcada no tecido azul, não é um saco bonito nem valioso, é só um saco, e não falta pó por aqui, é como se estivesse suja, sempre suja, como se estivesse suja há anos, mas irritou-me e quase lhe levantei o pé e o atirei para o lado, senti até vontade de lhe atirar as pernas para fora do banco. ~~Não fiz nada disso.~~

Remexi nas roupas e toalhas, não as lavamos desde que estamos neste aeroporto, abrindo o saco sente-se um cheiro desagradável a comida azeda misturada com pó acumulado. Procurei uma camisola menos suja. Estão todas amarrotadas, mas isso que nos interessa, afinal? No fim, puxei o saco azul, a nossa vizinha croata virou-se para o outro lado. Devem doer-lhe as costas, a mim doem!

Encontrei uma camisola, sentei-me no banco. Arrastaram os carrinhos da comida para os locais do costume, são oito carros grandes e quatro médios distribuídos pelo terminal. Porque te conto estes detalhes? Qual o interesse? Qual o interesse seja do que for? É tudo inútil. São meros pormenores, talvez preciosismos.

Continuo a escrever, mesmo assim: oito carros grandes, quatro médios — neles transportam a comida e a água. Alguém pede chá. Alguém pede sempre chá, mas nunca há chá, nem uma só folhinha. São luxos, um desperdício de água, dizem os funcionários, os soldados riem-se quando ouvem falar em chá, alguns perguntam «*vill du ha en kopp te?*», o meu sueco dá para tanto, e depois arrotam-nos em cima, porventura querem que

sintamos que bebem cerveja, é repugnante. Nunca há chá, mas alguém pede sempre chá.

Tratemos apenas dos factos essenciais, como convém: nasceu, está de boa saúde, está doente, morreu. Comida: a tal e tal hora. Água: pode-se bebê-la aqui e acolá.

Chegaram mais cedo com os carrinhos, outro pormenor irrelevante, ao que parece. Costumamos recorrer a um dos carros maiores, é um dos que nos ficam mais próximos. Hoje de manhã, quando os carrinhos chegaram, a maior parte das pessoas ainda estava a dormir, quase todos os refugiados estavam estendidos no chão ou nas cadeiras. Os carros foram escoltados por dois soldados, o que estranhei de imediato. Os soldados começaram a falar em voz alta, as pessoas que estavam a dormir acordaram. Têm de se organizar por línguas, disseram eles em inglês, por país. Acercámo-nos do carrinho, os soldados barraram-nos o acesso, continuaram a dizer que tínhamos de nos organizar por línguas. A Mariana andava de minha roda, a Cecília e o Paulo juntaram-se-nos, que é que eles querem?, perguntou a Cecília.

Os dois soldados em frente àquele carrinho tornaram-se mais agressivos. Grego e línguas dos Balcãs, disseram eles, não nos deixaram usar o carro. E agora?, perguntou a Cecília. A Mariana deu-me a mão, gerou-se alguma confusão, o Paulo disse que os outros portugueses estavam perto de um carro mais afastado, um que estacionam habitualmente junto às casas de banho. Quando lá chegámos, os soldados estavam a gritar «português, espanhol», e pedi à Mariana que nos fosse buscar as marmitas, os copos e as colheres. Eu fiquei na fila, juntamente com o Paulo e a Cecília. Eles já tinham as suas tigelas e colheres e copos.

A Mariana regressou com as marmitas e as colheres e os copos, uma mulher atrás de nós na fila olhou-nos de soslaio,

disse alguma coisa ao marido, e este começou a barafustar em espanhol, queria que fôssemos para o fim da fila. Se saíramos da fila, tínhamos de voltar para trás, dizia ele. Mas eu fiquei aqui, não saí, disse-lhes. Eles ficaram possessos, gritaram que tínhamos de voltar para trás. Respondi-lhes que estava com amigos, que havia decerto comida para todos. «A comida no fundo da panela está sempre queimada!», gritou um português. As pessoas atrás do casal começaram também a resmungar, atrás do espanhol algumas gritaram em português: se a rapariga tinha saído, que se pusesse no fim da fila, como toda a gente.

Os soldados abeiraram-se, perguntaram o que se passava. O Paulo e a Cecília ficaram mudos e quedos, a Mariana puxou-me a borda da camisola, vamos embora, mãe, pediu, eu não me afastei. Um homem disse de novo que aos últimos serviam comida queimada, restos de comida que fica colada ao fundo dos tachos, que havia que seguir a ordem de chegada. O espanhol da berraria, a besta, corroborou e pôs-se de novo a gritar furioso, salivava, cuspiu-se ao falar. Os soldados mandaram-nos calar a todos, a Mariana puxou-me. Fomos para o fim da fila. O Paulo e a Cecília olharam para nós, viraram-nos costas e continuaram no mesmo sítio.